



2005. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: VÁRIOS escritos. [S. l.: s. n.], 1995.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 1999.

LUKÁCS, George. **Le roman historique**. Trad. Robert Saille. [s/ed.] Paris: Payot, 1972.

SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o poeta**. [S. l.: s. n.], 1996.

SKÁRMETA, Antonio. In: Antonio Skármeta. [S. l.], 1 set. 2022. Disponível em: <https://www.record.com.br/autores/antonio-skarmeta/>. Acesso em: 19 set. 2022.

WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Letras Curitiba, n.43, p.11-23, 1994.

WINN, Peter. **A revolução Chilena**. Unesp, 2009. 209 p.

### **ST 03 - HISTÓRIA, CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADES NO SERTÃO**

**Coordenadores:**

**Ivo Fernandes de Sousa (PPGH/UFPG), Franciel dos Santos Rodrigues (PPGH/UFPG)**

Aos olhos da historiografia, as pesquisas que tecem estudos sobre Cultura popular, práticas religiosas e religiosidade popular, tem ganhado grande destaque, pois, fazem uma análise das características dessas manifestações como, representações, simbolismos e identidades de diversos grupos presentes no cenário religioso, essas discussões surgem enquanto um leque de múltiplas possibilidades de pesquisas históricas. Nesse sentido, propomos para esse simpósio temático abraçar temas relacionados ao eixo da História, Cultura Popular e religiosidades dos mais diversos segmentos que tomam enquanto recorte espacial os sertões, logo, atribuindo discussões de temáticas culturais desse espaço, pensando sobre suas tradições e representações, discutindo sobre essas identidades ao longo de seu recorte espacial e temporal.

### **AS EXPRESSÕES DA RELIGIOSIDADE POPULAR NA OBRA O QUINZE, DE RAQUEL DE QUEIROZ**

Ana Maria Vieira da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFPG  
anamavihistoria@gmail.com



**Resumo:** Desenvolvido dentro do campo da História Cultural e mergulhado na interdisciplinaridade, este artigo consiste em analisar as representações da religiosidade popular e do sagrado narrados na obra *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, texto que tem como enredo as vivências e experiências sertanejas diante de um período de grande estiagem. Dentro de uma perspectiva histórica e sensível, buscamos proporcionar uma discussão sobre a importância da literatura como fonte, promovendo um diálogo entre esta, as fontes orais e bibliográficas, apresentando suas possibilidades de tratamento, contribuição na construção da pesquisa e na compreensão de fenômenos sociais.

**Palavras-chave:** religiosidade popular; historiografia; literatura; São José.

## O CAMPO E A FONTE

“Particularmente rico no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento” (BARROS, 2003, p.1), sendo uma destas – como já trata Pesavento (2005, p.118) – “trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares”, o campo da História Cultural se fez possível graças “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes” (PESAVENTO, 2005, p. 69), sendo uma destas a Literatura.

Temos – ainda hoje – muitas críticas em relação à literatura como fonte e ainda são poucos os trabalhos que se debruçam sobre ela. É certo que esta inspira alguns cuidados e atenção, mas nada que fuja para tão longe do tratado necessário com outros tipos de fontes. Pesavento em *O mundo como texto*, apresenta algumas questões base no tocante História/Literatura: seus distanciamentos, suas semelhanças, seu tratamento como fonte, suas marcas na construção da(s) história(s), como estas conversam, assim como outros autores e teóricos as enxergam.

É valioso entender que História e Literatura são dois campos distintos que se complementam. A História, ciência, factual, ainda muito ligada a busca de uma verdade e pelo acontecido tal qual ocorrera. Na ambição da legitimação de seu discurso

[...] o historiador se vale dos recursos da linguagem, do esforço retórico do convencimento, das evidências de pesquisa. Estas evidências são a exibição de referências bibliográficas, citações, indicações de fontes e notas de rodapé para mesmo provocar o leitor [...] (PESAVENTO, 2003, p. 38).



Apesar de saber não ser possível chegar a essa verdade, pois não se remonta o passado, nem o pode viver para o comprovar, o historiador procura chegar o mais perto capaz, dentro do que o passado lhe permitiu saber e no trançar dos fios que sobraram, tece uma narrativa transpassada por suas próprias interpretações. A literatura não busca a verdade, se satisfaz apenas em ser coerente e a envolver o leitor, é também narrativa, mas não tem necessidade de legitimação, afirmação, nem se preocupa em apresentar fontes, ou o que a citação acima se refere enquanto na História. É ficção. O que não quer dizer que esta não possua sua historicidade, até porque

Seja a Literatura de cunho realista, dispendo-se a dizer sobre o real por forma da observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela recuperação idealizada de um passado, distante ou próximo, a Literatura é sempre um registro privilegiado - do seu tempo. (PESAVENTO, 2003, p. 40).

História e Literatura são narrativas. A primeira que busca a verdade, mas que acaba por vezes cair em ficção e a segunda que é ficção, mas tem sua verossimilhança e sua coerência como fonte para a primeira. Assim como os depoimentos orais, os monumentos, os escritos de um tempo são documentos, a literatura também se faz.

Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p. 39).

Dada todas estas questões, partimos para a discussão da obra que será utilizada como fonte, que por si só não fala, mas que com as indagações corretas nos diz muito, nos aviva a sensibilidade, nos aguça a imaginação, nos permite interpretações e juntamente com outros documentos e pesquisas, nos permitem trilhar o caminho da legitimação do discurso, na experiência e exposição da pesquisa para a construção da narrativa historiográfica.

## **A OBRA E AS MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO**



O Quinze é um romance, escrito por Raquel de Queiroz no ano de 1930 referente a seca de 1915<sup>6</sup>. Se passa no interior do Ceará, mais especificamente na região que hoje conhecemos por mesorregião dos Sertões Cearenses, ou sertão central. Encontramos nela todas as questões frutos das grandes estiagens: fome, seca, miséria, morte, políticas públicas de assistencialismo, migração. Marcos históricos da época como: a chegada do trem representando a modernidade contrastando com a luz do candeeiro ainda utilizado pela falta de energia elétrica, assim como hábitos cotidianos da vida do sertanejo: o apadrinhamento, o trato com os animais, as relações de dependência para com os grandes proprietários, os pudores e a religiosidade, sendo esta última o nosso recorte.

Falar sobre religiosidade é falar sobre o Brasil desde o início do processo de colonização, pois o catolicismo trazido pelas caravelas, já se apresentava em duas vertentes com características bastante particulares, como esclarece Tavares:

A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político da colônia. Conhecido como catolicismo patriarcal, ele é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa, em outras palavras, pela relação de troca entre a Igreja e o Estado – regime de padroado. [...] A segunda forma de catolicismo, conhecido por catolicismo popular tradicional, chega ao país pelos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiço (TAVARES, 2013, p. 36).

Distantes dos centros urbanizados onde se concentravam os religiosos institucionalizados<sup>7</sup>, a responsabilidade da preservação da fé ficava a cargo dos moradores destas comunidades afastadas que, na quase absoluta maioria iletrados, propagavam os ensinamentos pela oralidade e incorporavam elementos do seu próprio cotidiano na construção do sagrado e na relação para com este. Essa liberdade na interpretação e repasse foi a responsável por germinar uma pluralidade de práticas, o que chamamos de religiosidade popular ou catolicismo diferenciado<sup>8</sup>. A cultura nordestina está mergulhada neste mar de expressões de fé, desta religiosidade própria, personalizada

<sup>6</sup> Informações retiradas da própria obra.

<sup>7</sup> Eduardo Hoornaert apresenta esta realidade com detalhes, no livro *A igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*.

<sup>8</sup> “[...] entendemos o catolicismo diferenciado enquanto um campo de práticas e representações religiosas que não dependem de agentes formais (instituídos) para estabelecer esta relação entre o homem e o sagrado, o compreendendo uma autoprodução instituída por especialistas” (Carvalho, 2005, p. 34).



pela realidade colonial, pelas mazelas da terra castigada pela seca, pela fome, pelas mãos dos coronéis e pelas táticas de sobrevivência dos menos favorecidos.

Sem exagerar, podemos afirmar que estas organizações religiosas já salvaram milhões de pessoas do desespero e da morte física ou moral, pois foram elas, e unicamente elas, que foram capazes de dar sentido – para os vencidos e oprimidos – à nova situação criada a partir das invasões europeias do século XVI. (HOORNAERT, 1982, p. 25).

Dentre estas expressões e práticas, podemos destacar a devoção aos santos – canonizados ou não – como característica marcante. As festas dos padroeiros, dias grandes (dias dos santos de destaque, festividades consagradas pela igreja, semana santa, círios, entre outros), procissões, novenas nas casas, consagrações e quermesses fazem parte do cotidiano. Todo o calendário perpassa e tem seus períodos marcados por alguma crença ou culto a um santo. Até mesmo as condições climáticas dependem destes, à exemplo: as pedrinhas de sal na cumeeira da casa no dia de Santa Luzia, da barra na nascente no dia de Natal, as chuvas até o dia de São José, sendo este último o de maior expressão, já que o santo é considerado o patrono da igreja e o responsável pelo bom inverno, ou seja, está legitimado tanto pela ordem vigente quanto pela crença popular, e é este quem mais aparece nas falas e nas cenas na obra a ser discutida.

A narrativa começa com uma oração a São José, feita por Dona Inácia, proprietária da fazenda do Quixadá e com o questionamento de sua neta Conceição, a respeito das chuvas que não caíam, apesar das novenas feitas pela avó. “Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril” (p. 11), responde Dona Inácia.

A perseverança da fé, mesmo não se vendo respostas às orações, nos remete a uma característica da lógica catequética das missões itinerantes dos sertões, feitas pelos capuchinhos e franciscanos no século XVIII, que pregavam as mazelas como castigos divinos à maldade dos homens, que só por meio da oração e da penitência se aplacaria. Assim, se há demora na graça, é porque as orações não foram ainda suficientes e o não questionar da demora, é sinal de obediência a um Deus supremo, que tudo sabe e que não aceita ser contrariado, fruto do que ficou conhecido como a catequese do medo, que tinha como base de suas pregações a ira divina, o peso do pecado e o fogo do inferno.



Os padres falam as massas camponesas, pobres e abandonadas (em mau-português, mau-italiano e em mau-latim), das provações do mundo e dos horrores do inferno, incutindo nas almas incultas e crentes a necessidade do sacrifício e da penitência para conquistar o reino dos céus (CARIRY apud ANTONACCI, 2002, p. 192).

Ter a figura de um santo como intercessor – neste caso, São José para as chuvas, mas podemos citar também, Santo Antônio para o casamento – é marcante dessa religiosidade. Adaptar o calendário é fazer com que o sagrado esteja sempre presente como marco divisor, regendo até mesmo importantes decisões, como foi o caso de dona Maroca, proprietária da fazenda das Aroeiras que pelo seu sobrinho, em um bilhete ao criado, ordenou:

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo... (p. 25).

Apegar-se a um ser que se tornou divino, mas que antes foi humano e passou pelas dificuldades terrenas, é ter o sagrado mais perto de si, é identificar-se, é ter a certeza que este o entende, o compreende por que já foi um igual. Padre Murilo de Sá Barreto, pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, no ano de 1999, em uma entrevista concedida a Anna Christina Farias de Carvalho diz que “no processo da religiosidade popular, há uma identificação de emoções, de sentimentos, de vivência, chamadas existenciais da pessoa humana” e exemplifica que “o povo se ajoelha com muito mais amor diante do Senhor Morto, onde se identifica sua dor, que diante do Cristo ressuscitado.” (2005, p. 107).

Para este povo Deus parece que distante. A lógica incutida pelo – já citado aqui – catecismo do medo, do Deus que castiga, do Deus que não se deixa contrariar, da perfeição divina, transpassa e faz entender que os mais simples nem se quer são dignos de sua misericórdia e é por isso que estes procuram seus “iguais”, no caso, os santos, seus intercessores. No livro esta realidade é retratada em uma fala revoltada de Chico Bento, criado dispensado por Dona Maroca no dito bilhete. Não conseguindo as passagens para sua retirada do sertão com sua família ele diz que “Deus só nasceu pros ricos!” (p. 36), já que nesta situação, os ricos eram os que menos sofriam os flagelos da seca.



Ainda sobre os intercessores, entendemos que:

Além da identificação e afeição, essa relação se sustenta por um terceiro pilar: a intimidade. O santo está presente no cotidiano, as imagens creditadas como a própria pessoa do santo estão dentro da casa dos devotos, nos quartos em seus oratórios, nas capelinhas ou mesmo em um cantinho preparado com carinho na estante, nos quadros pendurados na parede ao lado das fotos da família, capazes de observar tudo o que acontece. (SILVA, 2021, p. 22-23).

Na obra, esse cuidado e zelo com as imagens vêm por conta de dona Inácia. No episódio de sua viagem de trem para a capital, “Dona Inácia fazia questão de trazer os santos junto a si, com medo de que no carro de bagagens algum irreverente se sentasse em cima” (p. 36).

O que a citação apresenta é a estética da maioria das casas de interior, sempre com um cantinho reservado para um momento de fé, um altar sempre a espera de uma celebração, herança das primeiras décadas de colonização e do – já discutido aqui – distanciamento dos centros religiosos institucionalizados. Eram nas residências que aconteciam os cultos e os encontros das comunidades.

A igreja nasceu assim, ela se expandiu a partir das casas das famílias, não existia igreja, templos de tijolos como hoje existem, catedrais, basílicas, não! Onde eram as igrejas? As casas das famílias, ali eles se reuniam pra fra... pra a escuta da palavra e pra fração do pão. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. DE 2020). (SILVA, 2021, p. 24).

Outra prática presente no cotidiano do sertanejo retratada no texto de Raquel de Queiroz é a reza, a benzeção, a cura dada pelo divino por mediação humana. Ela aparece quando Josias, filho de Chico Bento envenena-se. O pai, vai em busca de “alguém que ensinasse um remédio” (p. 59) e volta “trazendo consigo uma negra velha rezadeira” (p. 60). Mesmo não vendo saída para a enfermidade do garoto

A negra, por via das dúvidas, começou a rodar em torno do menino, benzeu-o com um ramo murcho tirado do seio chocalhante de medalhas, resmungando rezas: — Donde vens, Pedros e Paulo? Venho de Roma. O que há de novo em Roma, Pedros e Paulo?... (p. 60).

Pelo escasso (muitas vezes nulo) acesso a centros de saúde e a remédios farmacêuticos, decorrente da distância ou mesmo das dificuldades financeiras era, e ainda é muito comum nas zonas rurais, apelar para orações e medicamentos caseiros em busca da restauração da saúde. Essa atividade se aplica dos recém-nascidos aos adultos, para



livrar do mal olhado<sup>9</sup>, curar dores de cabeça, dor de dente, coluna, entre tantas outras mazelas físicas e espirituais. Membros de comunidades que possuem algum conhecimento nessa área são encarregados e considerados mediadores da graça.

O desenvolvimento de uma benzedeira é um processo que acontece ao longo do tempo, permeado por transformações sociais, psicológicas, emocionais e espirituais, inclusive no que se refere ao reconhecimento público de sua comunidade local. Segundo Oliveira (1985), a imagem que as benzedeadas trazem de si é geralmente de serem pessoas solícitas, dispostas a ajudar o outro e essencialmente boas. (MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017, p.448).

Além do ofício, este perfil atribui a essas pessoas muito respeito e autoridade inclusive, para aconselhar em situações delicadas, pois na religiosidade popular o social e o espiritual se fundem e se confundem. Se alguém é encarregado por Deus para curar, não seria este também capaz de direcionar e mediar conflitos?

Tais processos afetivos relacionam-se tanto à imagem social construída em torno das benzedeadas quanto de elementos que recobrem seus processos desenvolvimentais, que se mostram de modo muito heterogêneo (Helman, 2009). Investigar os percursos desenvolvimentais de benzedeadas revela-se, portanto, uma forma de conferir visibilidade a elas, bem como discutir de que modo a tradição oral e as práticas de medicina popular contribuem para a transmissão desse ofício e sua presença em determinadas comunidades como sinônimos de promoção de bem-estar e cura, em um sistema popular (folk) de saúde. (MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017, p.448).

A pluralidade de representações, compreensões e ramificações do catolicismo na cultura popular distancia-se em muitos momentos do institucionalizado pela igreja e tem incorporado as suas atividades aspectos místicos e muitas vezes profanos, mas não é, ainda assim, algo reverso ao catolicismo romanizado.

Não existe uma conotação de contestação religiosa contra a Igreja Católica, a vivência popular, assim como o catolicismo popular tradicional, apresenta gestos próprios, que representam uma liberdade expressiva dos devotos e não se coloca como um culto paralelo ao culto oficial (TAVARES, 2013, p. 40).

Contudo, Raquel narra em seu texto um grande contraste entre a instituição e seus fiéis: uma igreja empoderada com seus ricos e pomposos representantes, e os pobres que a ela se submetem.

<sup>9</sup> Indisposição e adoecimento do corpo pelo olhar invejoso de alguém.



SETEMBRO já se acabara, com seu rude calor e sua aflita miséria; e outubro chegou, com São Francisco e sua procissão sem fim, composta quase toda de retirantes, que arrastavam as pernas descarnadas, os ventres imensos, os farrapos imundos, atrás do pálio rico do bispo, e da longa teoria de frades a entoarem em belas vozes a canção em louvor do santo [...] (p. 129).

A grande moral e representatividade da Igreja Católica neste período, sua influência no meio social e político, é apontada em O Quinze no episódio da busca do retirante Chico Bento por um emprego no açude Tauape. Apresentando a ideia da Conceição, que animada acredita ser fácil conseguir a vaga, Chico alerta que fácil não era, mas seria possível com “um cartãozinho do bispo...” (p. 104) como recomendação. A situação nos remete ao catolicismo patriarcal, a primeira vertente citada por Tavares (2013), no início deste artigo. A igreja atrelada ao poder que rege a máquina pública e as tomadas de decisão. Uma força que faz com que a autora se refira ao ato de levar o dito cartão, como que o retirante fosse “ARMADO” (p.106) e reafirma este poder com a conquista da vaga.

Por fim, com a chegada do inverno e cair da chuva,

Na solenidade do momento, ninguém se movia nem falava. Só a Maria, a preta velha da cozinha, irrompeu pelo corredor, acocorou-se a um canto e engulhando lágrimas e mastigando rezas, resmungava: — O inverno! Senhor São José, o inverno! Benza-o Deus!

A gratidão se faz ao santo, mesmo quando o seu “prazo” se passou, ainda sim a ele se atribui. É também dos mais simples que parte a primeira reação, num ato direto de alívio de quem mais padeceu. Ao aparecer no primeiro plano, deixando Deus no segundo, São José reafirma seu lugar de intercessor e a sua aproximação e reconhecimento dos seus devotos.

## CONCLUSÃO

Procuramos assim abarcar neste pequeno texto os aspectos teóricos do campo trabalhado e o tratado na prática da literatura como fonte, em uma conversa com textos reconhecidos pela historiografia, fazendo pensar como o sagrado se constrói e se faz presente no cotidiano do sertanejo. Assim como a pluralidade da religiosidade popular, de suas representações e os aspectos que lhe torna tão particular, os elementos dos cenários do sertão que se fundem ao divino, ao místico e erguem tantas práticas e crenças



que no fim nunca deixam de ser uma: a católica, sempre presente, sempre imponente e de grande representatividade. Aguçados pela delicadeza das palavras de Raquel, envolvidos pela sensibilidade que a narrativa exala, reconhecidos pela verossimilhança dos acontecimentos contados, aos vividos em algum momento por nós mesmos ou pelos que próximo de nós estão, percebemos que vida é ela mesma uma literatura.

### REFERÊNCIAS:

BARROS, José d'Assunção. **História cultural: um panorama teórico e historiográfico**. In: \_\_\_\_\_. Texto de História, vol. 11, nº 1 /2, 2003.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense, 2005**. 271f. (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Mimeografado.

DE QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. Editora José Olympio, 2004.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Desfazendo o “mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedadeiras**. Psicologia: ciência e profissão, v. 37, p. 446-460, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. History of Education Journal, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003.

SILVA, Ana Maria Vieira da. **“Na intenção dos penitentes e do Judeu traidor”: discussões acerca da penitência pela trajetória das irmandades da cidade de Cedro-CE**. (2021).

TAVARES, Thiago. **A religião vivida: expressões populares de religiosidade**. Juiz de Fora, v. 10, n.2, 2013.

---

**MORTE E SANTIDADE: HISTÓRICO SOBRE A SANTA POPULAR MÁRTIR FRANCISCA – AURORA/CE (1997-2016)**